

ORISVALDO PIRES
orisvaldopires@gmail.com

OBSERVATÓRIO

É preciso lembrar

É impressionante a facilidade que temos de esquecer as coisas. Na política, por exemplo, os mais experientes dizem que, para abafar um escândalo ou qualquer outro assunto indesejável, a estratégia é criar outro. O caso escabroso do dia anterior fica para trás, ninguém mais se lembra, abafado pela novidade atual.

Os familiares dos adolescentes desaparecidos em Luziânia tiveram que dar o grito, procurar a imprensa, fazer protesto e chamar a atenção dos políticos, para despertar as autoridades de segurança para a gravidade de seu drama. Assim que o caso ganhou a mídia, também alcançou a importância merecida de quem tem a obrigação de dar respostas à sociedade.

E infelizmente é assim que precisa acontecer. Se não houver essa mobilização, daqui a pouco todos vão se esquecendo do caso, outros problemas também importantes vão surgir e a situação cai no esquecimento. É angustiante quando nós, dos meios de comunicação, somos procurados por familiares desesperados, que encontram na imprensa a última saída manter a sociedade mobilizada em relação a crimes não resolvidos.

O assassinato brutal da publicitária Pollyana Arruda Borges aconteceu em setembro do ano passado. O crime sensibilizou a so-

cidade anapolina e goiana. Foi notícia todos os dias durante um mês. Mas agora, quatro meses depois, quase ninguém fala do assunto. Nem a polícia fala. O responsável ou responsáveis pelo crime não foram identificados.

O que sentem os familiares de vítimas como Pollyana, que não conseguem esquecer o que aconteceu? A ausência é uma dor sentida todos os dias, em todos os momentos, potencializada pela sensação de impotência para influenciar de

formações sobre as características do assassino. Mas, até hoje, um ano e sete meses depois do crime, não há informações sobre quem assassinou Ilion Fleury.

A complexidade do caso, evidenciada pela polícia durante as investigações, deve ser levada em consideração. Mas, mesmo assim, é mais um crime cuja autoria não é de conhecimento da sociedade.

MISTÉRIO

Algumas semanas antes da mor-

É preciso nos esforçar para não permitirmos que os novos problemas de cada dia nos afastem da necessidade de honrarmos a memória de cada um daqueles que foram tirados de nós de maneira tão cruel

alguma forma nas investigações. A angústia é um peso que se carrega para sempre, somente aplacado pelas menções de solidariedade por parte daqueles que se compadecem com o próximo.

No dia 11 de junho de 2008, três disparos de arma de fogo interromperam a vida do médico Ilion Fleury, assassinado aos 54 anos, no portão de acesso à Santa Casa de Misericórdia. Se pesquisarmos os jornais que trouxeram à época depoimentos de testemunhas, encontraremos in-

te do Dr. Ilion Fleury, mais precisamente no dia 22 de abril de 2008, um outro médico, Dr. Oscar Soares de Azevedo Júnior, morreu em circunstâncias suspeitas. Ele estava no Rio de Janeiro. Os médicos que emitiram o laudo pericial e o exame cadavérico no corpo do Dr. Oscar Júnior atestaram que ele morreria de causas naturais – infarto agudo do miocárdio. Mas um dos médicos legistas percebeu que Dr. Oscar Júnior tinha uma fratura no pescoço, não compatível com uma simples

queda.

Um ano e nove meses depois da morte do Dr. Oscar Júnior, a sociedade anapolina ainda não tem conhecimento oficial sobre como tudo aconteceu. As investigações foram conduzidas em Saquerema, no Rio de Janeiro, o que dificultou ainda mais o acesso às informações sobre a condução do inquérito.

HONRA

Os casos citados anteriormente, que envolvem personalidades de destaque na sociedade, são apenas exemplos de muitos outros que, com o passar do tempo, são esquecidos. Existem centenas de outros casos, cujas vítimas não tinham a mesma projeção, que da mesma forma ficaram no tempo, mas que merecem ser lembrados com a devida importância. É preciso gritar, ir para as ruas, chamar a atenção, como fizeram as famílias de Luziânia.

A intenção também não é culpar a polícia. Sabemos das limitações e das implicações que cada situação apresenta. É justo lembrar que a maioria dos crimes é solucionada.

É preciso nos esforçar para não permitirmos que os novos problemas de cada dia nos afastem da necessidade de honrarmos a memória de cada um daqueles que foram tirados de nós de maneira tão cruel.

[CAMPAHA DA FRATERNIDADE – CNBB propõe este ano que sociedade discuta o sistema econômico com atenção voltada à solidariedade e à comunhão

Economia tem que respeitar dignidade humana, diz igreja

Orisvaldo Pires

O departamento das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) divulgou que o número de famintos espalhados pelo mundo é de 1,2 bilhão. Segundo dados catalogados pela ONU, a cada dia 30 mil crianças morrem de fome em todo o planeta e pelo menos 275 mil pessoas começam a passar fome. O Brasil ocupa o 9º lugar entre os países com maior número de pessoas com fome, 9% das crianças morrem antes de completar um ano de vida e 37% do total da população são de trabalhadores rurais sem terra. O Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade no Brasil (IETS) revela que no país existem 10,7 milhões de indigentes e 43,6 milhões de pobres.

O desequilíbrio da economia no Brasil e no mundo, provocado por uma série de fatores que, somados, resultam nesse quadro de segregação e miséria, motiva a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010, promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e as igrejas do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Neste ano, o tema lançado ao debate é 'Fraternidade, Economia e Vida'. O lema é retirado do Evangelho de São Mateus, Capítulo 6, versículo 24: "Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro". A saber, o CONIC é formado pelas igrejas: Ca-

tólica Apostólica Romana, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Presbiteriana Unida do Brasil e Sírion Ortodoxa de Antioquia.

Em Anápolis o lançamento oficial da CF/2010 será no primeiro domingo da Quaresma, 21 de fevereiro, na Missa das 18 horas, presidida pelo bispo diocesano, Dom Frei João Wilk, na Catedral do Bom Jesus. O tema deste ano sugere o debate em duas frentes distintas. A primeira à luz das exigências do Evangelho, com a análise da Doutrina Social da Igreja e no entendimento que todo sistema econômico (ou político) deve ser visto a partir do conceito da pessoa humana e a serviço da pessoa humana.

A economia, lembra Dom João, também corresponde ao tema desenvolvido pelo Papa Bento XVI na Encíclica sobre a verdade e a caridade. Além da abordagem dos temas econômicos do mundo e da Doutrina Social da Igreja, as Encíclicas destinadas a este tema, segundo o Bispo Diocesano, também colocam uma ressalva interessante no entendimento que estes sistemas econômicos são muitas vezes "cegos e objetivos com relação à pessoa humana". Para Dom João, o sistema econômico deve ser democrático, "sem reduzir a pessoa humana a um número ou simplesmente uma força de produção".

A Campanha da Frater-



DOM JOÃO antevê mudança de mentalidade como um dos frutos da CF/2010

nidade Ecumênica de 2010, entende o Bispo, chama atenção para a gravidade do que é chamado de 'culto ao dinheiro', condição em que a organização econômica não vê a dignidade da pessoa humana. "Outro problema muito sério é a ganância e o endeusamento do dinheiro e da posse, que cega as pessoas diante da igualdade, da dignidade, da proteção ao mais fraco", alerta.

O desafio é buscar a construção de uma nova realidade econômica mais justa e menos influenciada pelo dinheiro. Se para muitos não passa de utopia, para a Igreja é algo possível. Dom Frei João Wilk

lembra dois conceitos que aparecem na motivação da Campanha da Fraternidade: a economia de solidariedade e a economia de comunhão. "Um movimento muito forte no mundo e no Brasil, os Focolares, têm entre seus leigos uma rede de empresas que corresponde ao conceito da economia de comunhão. Seria, digamos, a proposta de humanização da economia. O Papa coloca em uma de suas Encíclicas que dentro de uma empresa deve-se buscar espaços de fraternidade, humanizar a convivência e o trabalho, não perder a fraternidade dentro da cadeia de produção", revela.

Debate vai abordar temas sobre ética, moral e corrupção

A segunda frente de debates sugeridos pela Campanha da Fraternidade refere-se a uma análise crítica da relação entre o Estado e o cidadão. Neste âmbito, certamente será abordada a alta carga tributária que incide sobre a população. No Brasil as taxas e impostos são pesados, condição que empurra as pessoas à fuga de pagar o que é devido. O bispo Dom Frei João Wilk lembra que "o fruto material da CF/2010 não é muito interessante, digamos assim, mas os frutos da mudança de mentalidade são muito importantes".

As questões moral e ética também serão analisadas. Os muitos impostos cobrados da população sugerem o retorno em benefícios públicos. "O cidadão se sentiria mais motivado se o Estado o retribuisse de tantos impostos", analisa. Neste contexto também entram na lista de temas para discussão a corrupção, que Dom João compara a uma "grande sombra", assunto que remete à questão da justiça e da honestidade na administração pública.

O bispo Dom Frei João Wilk vê na intenção da Campanha da Fraternidade Ecumênica des-

te ano o entendimento que a economia não interessa apenas nos âmbitos global e nacional, "mas também como nós administramos o pouco do salário que recebemos". Segundo ele, a economia é a arte de administrar a casa, então, a vida econômica interessa na questão da organização familiar, o acesso aos recursos naturais, a forma de se fazer despesas.

Dom Frei João Wilk lembra que o evangelista São Mateus, que dá subsídio ao tema da Campanha da Fraternidade, era um cobrador de impostos. Naquele tempo, alguém com essa função era conhecido como 'pecador público', devido à corrupção institucionalizada. No entanto, lembra o Bispo, Mateus se converteu e estabeleceu um "jeito convertido de encavar os recursos humanos". O Bispo Diocesano conclui que o tema da CF deve motivar a sociedade a questionar a forma como a moeda e o poder econômico são endeusados nos dias atuais, "o dinheiro não pode escravizar, não vivemos para o dinheiro, precisamos do dinheiro, sim, para organizar de forma digna a nossa vida".